

## GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DAS DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS ENTRE 2011 E 2017

## GENDER AND CHILD EDUCATION IN BRAZIL: A SYSTEMATIC REVIEW OF THE DISSERTATIONS PRODUCED BETWEEN 2011 AND 2017

**Marília Milhomem**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
mariliamilhomem@gmail.com

**Rarielle Rodrigues Lima**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
rariellerodrigues@gmail.com

**Sandra Maria Nascimento Sousa (UFMA)**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
sandraufma@gmail.com

**Resumo:** *O presente artigo é uma revisão sistemática da literatura de dissertações, tendo por foco o seguinte questionamento: o que se tem produzido atualmente sobre gênero e educação infantil no Brasil a nível de dissertação? Para responder tal questionamento foram levantados alguns trabalhos produzidos sobre a temática compreendendo os anos de 2011 a 2017. Foram utilizados os descritores gênero e educação infantil e relações de gênero e educação infantil para obtenção de pesquisas. Nesse sentido, foram recolhidos um total de 33 trabalhos, obtidos por meio da base de dados da CAPES, destes foram analisados 6 trabalhos com a intencionalidade de analisar o nível e a qualidade destas produções. Conclui-se que ainda há poucas produções investigativas envolvendo gênero e educação infantil com concentrações maiores no eixo Sul e Sudeste.*

**Palavras-chave:** *Gênero; Educação Infantil; Revisão Sistemática.*

**Abstract:** *This article is a systematic review of the literature of dissertations, and focus the following question: what is produced today about genre and child education in Brazil in terms of thesis? To answer such questions were raised a few works produced on the subject including the years 2011 to 2017. The descriptors were used and children education and gender relations and early childhood education for research. In this sense, were collected a total of 33 papers, obtained by using the database of CAPES, of these 6 were analyzed with the intention of analysing the level and quality of these productions. It is concluded that there are still a few investigative productions involving gender and child education with concentrations higher in the South and Southeast.*

**Keywords:** *Gender; Early Childhood Education; Systematic Review.*

### Introdução

Segundo Guacira Lopes Louro (2007) os estudos de gênero passaram por grandes transformações e mudanças de cunho teórico e metodológico. Gênero é uma categoria que apresenta uma história e está politicamente inserida em lutas, movimentos sociais e conquistas.

As compreensões sobre a categoria analítica gênero modificaram-se durante o seu processo de construção, assim os significados que o termo carrega hoje é uma conjunção complexa de diversos lugares de fala e de diversidade. A temporalidade e historicidade da construção do saber sobre gênero também tem sua percepção em política, afinal as lutas travadas por direitos entrelaça as produções científicas dos estudos de gênero.

Nesse contexto, as teorias e pesquisas produzidas por mulheres foram publicadas com o objetivo de ampliar as “visões” sobre os espaços de atuação feminina com o intuito de romper com a “invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos [masculinos] que caracterizam a esfera

do privado, o mundo doméstico, como o ‘verdadeiro’ universo da mulher” (LOURO, 1997, p.17). Logo, os estudos iniciais apresentavam uma perspectiva de descrição das condições de trabalho e de vida de mulheres oriundas das mais diversas instâncias, localidades e espaços. Posteriormente, surge a necessidade de avançar as análises e percepções. “Algumas mulheres vão fundar revistas, promover eventos, organizar-se em grupos ou núcleos de estudos” (LOURO, 1997, p. 17).

Estes estudos e pesquisas proporcionaram com que os Estudos Feministas rompessem paradigmas, repensassem a centralidade masculina como legítima do saber, o fazer acadêmico, além de subverterem e transgredirem o que a cultura masculina impôs durante séculos ao sujeito feminino.

Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances. Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa. Assumia-se, com ousadia, que as questões eram interessadas, que elas tinham origem numa trajetória específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança (LOURO, 1997, p. 36).

É precisamente entre as décadas de 1980 e 1990 que no Brasil surgem as primeiras pesquisas envolvendo a pequena infância e as relações de gênero. Segundo Faria (2006) surgem também a pedagogia e a sociologia da infância que passam a perceber a criança enquanto sujeito que vive seu tempo presente e, não somente como um sujeito que está em fase preparatória para tornar-se adulto. Logo, as pesquisas de Fúlvia Rosemberg (1980), Maria Aparecida Gobbi (1999), Deborah Thomé Sayão (2002) e Ana Lucia Goulart Faria (2006) foram produções que articularam a temática gênero e educação infantil no Brasil.

Por outro lado, a chegada no Brasil das contribuições de teóricas como Joan Scoot (1995), Teresa de Lauretis (1987) e Judith Butler (2016), bem como a compreensão da categoria gênero foram essenciais para a construção de uma base teórica mais sólida e o aumento de produções acadêmicas que problematizassem questões de gênero voltadas para a educação, o corpo, a cultura etc.

No entanto, mesmo com o advento dos estudos feministas e do surgimento do conceito de gênero nos dias atuais ainda é perceptível rastros de discursos ainda proferidos por pessoas dotadas de um conhecimento “especializado” de justificativa às desigualdades sociais entre homens e mulheres, remetendo-se, na maioria das vezes, ao discurso biológico e argumentos de que homens e mulheres são distintos biologicamente. Além disso, no âmbito da produção de conhecimento e de “fazer ciência” vigora uma noção do “eles” e do “nós”, o que é exemplificado na citação abaixo de Donna Haraway (1995):

O “eles” imaginado constitui uma espécie de conspiração invisível de cientistas e filósofos masculinistas, dotados de bolsa de pesquisas e de laboratórios; o “nós” imaginado são os outros corporificados, a quem não se permite não ter um corpo, um ponto de vista finito e, portanto, um viés desqualificador e poluidor em qualquer discussão relevante. [...] Nós, as feministas nos debates sobre ciência e tecnologia, somos os grupos de interesse especial da era Reagan no âmbito rarefeito da epistemologia, no qual o que tradicionalmente tem vigência como saber é policiado por filósofos que codificam as canônicas do conhecimento (HARAWAY, 1995, p. 8).

Nesta perspectiva, este artigo tem por foco o seguinte questionamento: o que se produziu sobre gênero e educação infantil entre os anos 2011 e 2017? Dessa forma, para a construção dessa revisão sistemática foram traçadas algumas delimitações metodológicas que auxiliassem no processo de coletas das produções e na organização do texto.

A seguir, será apresentado com mais detalhes a metodologia de estudo empregada na

análise das produções recolhidas sobre gênero e educação infantil. Será mostrada a metodologia de estudo empregada neste artigo, as fontes, os dados levantados, os fatores de inclusão, de exclusão e os descritores utilizados na base de dados. Finaliza-se discorrendo sobre os dados obtidos, os resultados e por fim, apresenta-se a conclusão.

### Operacionalizando a revisão sistemática da literatura

A pesquisa foi realizada via base de dados da CAPES<sup>1</sup>, onde foram recolhidas algumas dissertações tendo por temática gênero e educação infantil. Foram levantados alguns trabalhos produzidos sobre a temática compreendendo os anos de 2011 a 2017, obedecendo aos seguintes descritores: gênero, relações de gênero e educação infantil (quadro 1).

Quadro 01: Descritores utilizados nas buscas

Descritores
Gênero e educação infantil
Relações de gênero e educação infantil
Relações de gênero

Devido a quantidade expressiva de trabalhos encontrados (34 pesquisas envolvendo gênero e educação infantil) na base de dados, centramos a análise em produções que envolvem a educação infantil às discussões de pesquisa de campo e/ou no que se refere a categoria gênero, para construir um diálogo entre estas duas categorias. Ao realizar este levantamento alguns dados foram bastante significativos (Gráficos 01 e 02).

Gráfico 01: Percentual de Produções distribuídas por gênero (n=33)

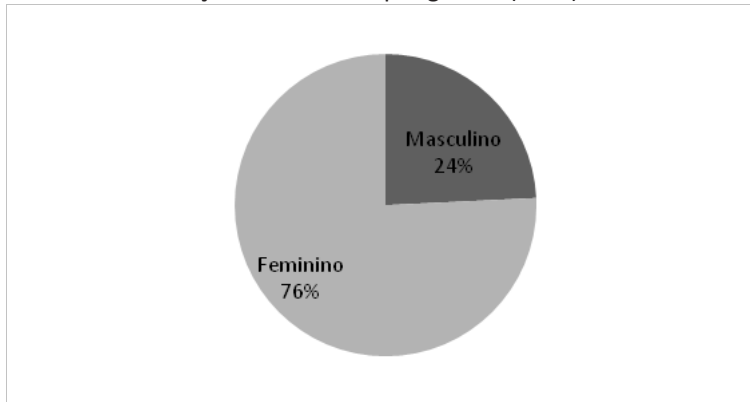
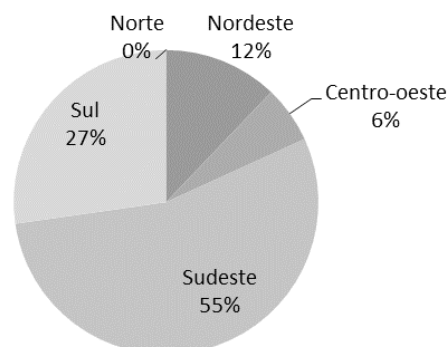


Gráfico 02: Percentual de Produções distribuídas por região (n=33)



O recorte aqui adotado demonstra parcialmente o quadro atual dado a temática e o que se tem produzido a nível de mestrado no Brasil. Os trabalhos levantados evidenciam traços

1 Endereço eletrônico: <http://www.periodicos.capes.gov.br>

importantes de uma maior produção acadêmica nas regiões Sul e Sudeste do país.

Como já foi destacado, os estudos de gênero na educação infantil se iniciam no final da década de 1980 início dos anos 1990 e, desde então tem se ampliado gradativamente – ainda são poucas as pesquisas envolvendo a temática. Analisando os trabalhos mais atuais percebe-se uma predominância em temáticas envolvendo brincadeiras, o lúdico, as relações entre meninos e meninas, os tratamentos existentes em sala de aula que se diferem devido ao sexo biológico, a formação de professoras na educação infantil para as questões de gênero e a atuação destas em relação a temática gênero e a sexualidade (tabela 01).

**Tabela 01:** Dados informativos sobre as pesquisas recolhidas

PESQUISADOR/a	TÍTULO DO TRABALHO	OBJETIVO	METODOLOGIA	LOCAL	ANO
Bruna Bertuol	Coisas de menino ou de menina? Pedagogias de gênero nas escolas de educação infantil	Problematizar as pedagogias de gênero presentes nas brincadeiras infantis e no cotidiano escolar de crianças de três a cinco anos que frequentam escolas municipais de educação infantil no município da Serra Gaúcha.	Estudo qualitativo, de cunho etnográfico. Foram realizadas observações em seis escolas investigadas com apontamentos no Diário de Campo e aplicou-se a técnica do Grupo Focal com 12 professoras da escola.	R i o Grande do Sul	2013
Eduarda Souza Gaudio	Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero	A presente pesquisa buscou investigar as relações sociais entre crianças e com adultos quanto às diferenças étnico-raciais numa instituição de Educação Infantil da Rede Municipal de São José.	Para a realização da pesquisa foram utilizadas a etnografia, a observação participante e conversas informais com os/as profissionais da rede municipal de São José.	S a n t a Catarina	2013
Peterson Rigato da Silva	Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil	Identificar como ocorrem as relações de gênero e poder nos espaços e tempos das pré-escolas públicas, quando há homens na docência.	Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, que observou de perto as relações entre os professores e as crianças pequenas, entre os professores e outros/as adultos/as nos espaços e tempos das pré-escolas.	São Paulo	2014

<p>GISLENE CABRAL DE SOUZA</p>	<p>Educação infantil e relações de gênero: o que se inscreve nos corpos infantis</p>	<p>Compreender as relações de gênero nos modos como as crianças interagem no contexto da educação infantil.</p>	<p>Ancorada nos Estudos Culturais, tem-se como estratégia metodológica a observação participante do cotidiano das crianças na escola, com vistas à análise das relações de gênero nos modos como elas se relacionam no contexto da Educação Infantil com seu corpo e o corpo do outro durante as brincadeiras, os diálogos e nas escolhas dos artefatos escolares.</p>	<p>Mato Grosso</p>	<p>2015</p>
<p>Fernanda Ferrari Ruis</p>	<p>Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil: um entrelaçamento de vozes</p>	<p>Investigar como as relações e representações de gênero são expressas por meninas e meninos, professor e professora no cotidiano de uma escola municipal de Educação Infantil.</p>	<p>Foram adotadas estratégias de investigação de abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa duas turmas de alunos e alunas com idades variando entre quatro e seis anos, bem como o professor e a professora responsáveis pelas mesmas.</p>	<p>São Paulo</p>	<p>2015</p>
<p>DANIELLA DUARTE PIMENTA</p>	<p>O desenho de meninas e meninos na educação infantil: um estudo sobre relações de gênero na infância</p>	<p>Tem o objetivo de olhar para os desenhos de meninas e meninos, ouvir o que nos contam sobre as representações de gênero.</p>	<p>Os procedimentos metodológicos desta pesquisa, ao buscarem a perspectiva das crianças, aliam desenho e oralidade, considerando as experiências narradas e interpretadas pelos meninos e meninas em seus desenhos.</p>	<p>São Paulo</p>	<p>2016</p>

Dessa forma, aplicados os critérios de exclusão, isto é, foram excluídos trabalhos que não utilizassem pesquisa de campo e que não fizessem uso da categoria gênero como forma de analisar práticas escolares, separações entre meninos e meninas, docência masculina na educação infantil e as práticas pedagógicas e sua influência na formação das identidades de gênero e sexuais das crianças. De um quantitativo de 33 pesquisas disponibilizadas pela base da CAPES, seguindo os critérios de exclusão restaram apenas 6 trabalhos.

Nesta perspectiva, a análise e avaliação das produções foram realizadas por base nos seguintes pressupostos: 1. As relações entre meninos versus meninas, isto é, trabalhos que partem de uma ideia binária, de certa forma de uma relação baseada em uma concepção de presença e

ausência compreendidas pela lógica do sexo; 2. Os conceitos de gênero utilizados nesses trabalhos (os/as autores/as mais utilizados/as, se estes trabalhos utilizam uma perspectiva de gênero analítica ou relacional, que se intersecciona com outras categorias como etnia, raça, escolaridade, geração e classe) e 3. Trabalhos de gênero na educação infantil realizados a partir da sala de aula, do cotidiano escolar, da experiência de professores/as e da vivência com alunos/as.

### Algumas discussões...

Com as contribuições de Judith Butler (2016) e Louro (2004) ao afirmar que o *gênero* é uma construção social complexa, modelada e reinventada constantemente por variadas subjetividades questiona-se: O que é “ser homem”? O que é “ser mulher”? A teoria de gênero é capaz de atender a todos os indivíduos e todas as identidades de gênero? Judith Butler (2016) nos ajuda a compreender algumas dessas questões ao desenvolver uma noção de gênero ao lançar mão daquilo que ela chama de *performatividade*, o que nos leva a entender as pessoas que rejeitam a noção e as atribuições binárias de homem e mulher. Portanto, para Butler, a performatividade

deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2016, p. 151).

Nesta lógica, os trabalhos recolhidos buscam entender as relações sociais que se estabelecem entre professores/as e alunos/as na educação infantil por meio de desenhos, atitudes, comportamentos e formas de tratamento entre meninos, meninas e até mesmo de professores/as. Ou seja, como as questões apreendidas como masculinas e femininas passam a ser utilizadas e categorizadas pelas crianças. No entanto, este processo de categorização, quase sempre,

coloca o ser feminino em desvantagem, em oposição inferiorizada e desvalorizada no contexto social. As diferenças biológicas são pretextos para as mulheres serem tratadas de forma desigual em relação aos homens. Neste sentido, as pessoas vão sendo educadas para considerar as diferenças físicas entre homens e mulheres como justificativa para tratar as mulheres, o mundo feminino, como inferiores e desiguais (AMARAL, 2001, p. 11).

As pesquisas recolhidas afirmam que o contexto escolar não é um local isento de preconceitos e de práticas excludentes. Como se observa na pesquisa de Fernanda Ferrari Ruis (2015), *Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil: um entrelaçamento de vozes*, em que a autora afirma que ainda é uma tarefa árdua

romper com os modelos hegemônicos, com os preconceitos e tabus presentes na educação de meninos e meninas não é fácil, uma vez que a prática pedagógica que predomina na pré-escola ainda sofre as influências da formação para o magistério tradicional, marcada por binômios como masculino/feminino, aprender/brincar ( p.22).

Muitas vezes esta separação entre meninos e meninas na educação infantil é um tipo de prática e de organização do tempo e do espaço que passa despercebido pelo/a professor/a. O ideal seria que meninos e meninas agissem livremente e convivessem de maneira igual sem segregar, logo este tipo de atitude e/ou prática contribui significativamente no âmbito cognitivo, afetivo e social das crianças. O trabalho de Bruna Bertuol (2013), *Coisas de menino ou de menina? Pedagogias de gênero nas escolas de educação infantil*, descreve essas nuances sobre como os/as professores/as de



educação infantil favorecem a construção de identidades de gênero hegemônicas e que as práticas destas/destes estão impregnadas pelas pedagogias de gênero que buscam o desenvolvimento de certas características, habilidades e também brincadeiras e brinquedos para meninos e meninas de forma marcadamente diferenciadas.

A pesquisa de Daniella Duarte Pimenta (2016), *O desenho de meninas e meninos na educação infantil: um estudo sobre relações de gênero na infância*, mostra o contrário. Meninos e meninas podem sim falar sobre as relações de gênero, bem como outras coisas mais complexas. Por meio dos desenhos das crianças frequentadoras da educação infantil, a pesquisadora chega à conclusão que estas produções apresentam marcas de permanência dos estereótipos de gênero, assim como as rupturas com as desigualdades de gênero.

Estas concepções e práticas assimiladas pelas crianças que frequentam a educação infantil, que desde cedo aprendem a diferenciar um homem de uma mulher nos leva a seguinte pergunta: *Será que os/as professores/as de educação infantil sabem o que é o gênero?*

Dentre os trabalhos analisados, foram diversos os conceitos de gênero utilizados, mediante a leitura destes surgiram autoras como Judith Butler, Joan Scott e Guacira Lopes Louro foram as mais citadas na conceituação da categoria de gênero.

Peterson Rigato da Silva (2014) com a sua pesquisa *Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil*, faz uso das contribuições de Joan W. Scott e Linda Nicholson no uso de uma conceituação de gênero voltada para as questões da docência masculina na educação infantil. A pesquisa ainda faz uso das contribuições de Judith Butler sobre o processo de desconstrução das identidades de gênero no campo da docência, nos espaços das creches e pré-escolas. O trabalho permitiu Peterson Rigato “refletir sobre a visão binária, ainda presente na organização social, encontrando novas formas de relações entre homens e mulheres, meninos e meninas” (p.34).

Portanto, os trabalhos coletados fazem uso da categoria gênero para desnaturalizar aquilo que é naturalizado cotidianamente na educação infantil como a produção de discursos e a construção de uma cultura em que as crianças são ensinadas a conceber homens e mulheres como diferentes. Muitas das vezes esta diferenciação é utilizada para inferiorizar a mulher, impedindo-a de se expressarem livremente, de conseguirem melhores trabalhos e reconhecimento para além do espaço doméstico.

Desde a infância existe uma preocupação em estabelecer símbolos para a menina e para o menino, dentre objetos de uso pessoal e vestimentas. Assim, entre os brinquedos, o carrinho para o menino e a boneca, para a menina, é perfeitamente aceitável mas o inverso pode causar estranheza e uma reação muito forte por parte dos pais. Esta categorização vai sendo associada a inúmeros outros significados que vão sendo construídos no universo familiar e social da criança e são por ela assimilados com o passar dos anos (AMARAL, 2001, p. 23).

Em outros trabalhos levantados, como o de Eduarda Souza Gaudio (2013), *Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero*, o gênero é visto com uma categoria interseccionada com outras categorias como idade, escolaridade e etnia. A pesquisadora, na busca em conhecer os processos sociais das crianças com os seus pares e com os adultos quanto às diferenças étnico-raciais, identificou aspectos relacionados à dimensão corporal e as relações de gênero. Ela destaca que

uma característica marcante observada entre as crianças foi que nas diferentes formas de organização social, elas exprimiam seus modos de ver e interpretar o mundo através de aspectos que envolviam o corpo, sendo possível perceber, nas relações entre pares, a recorrência de elementos particulares que diferenciavam e hierarquizavam suas relações, sobretudo no que diz respeito aos elementos étnico-raciais, de gênero e a aparência física (p. 39-40).

Assim, diante dos trabalhos analisados é possível conceber que o gênero não possui apenas um único significado, concepção e entendimento. Diante das pesquisas levantadas é possível perceber que: 1. O gênero enquanto categoria pode ser identificado por intermédio de um sistema hierarquizado de poder, como as divisões e segregações na educação infantil entre meninos e meninas, nas brincadeiras e práticas de ensino; 2. O gênero evidencia o processo de categorização usual feito pelas crianças entre o que é considerado masculino e feminino e 3. O gênero aparece como forma de contestar o discurso de uma superioridade hegemônica e masculina, uma vez que a categoria desvela as representações sobre masculino e feminino como construídas histórica e socialmente no contexto das relações sociais.

Algumas pesquisas coletadas foram realizadas por meio de experiências vivenciadas nas escolas de educação infantil, com crianças e professores/as, buscando investigar como estão sendo desenvolvidas situações que envolvem as questões de gênero por professores/as, como anda a formação inicial destes profissionais para as temáticas de gênero na escola e o papel da escola diante das desigualdades de gênero.

A pesquisa de Gislene Cabral de Souza (2015), *Educação infantil e relações de gênero: o que se inscreve nos corpos infantis*, buscou compreender as relações de gênero nos modos como as crianças interagem no contexto da educação infantil, procurando entender questões como os tempos e os espaços são usados e criados para compartilhar práticas que remetem as relações de gênero, que relações as crianças estabelecem com o próprio corpo e o corpo do outro e como as amizades são atravessadas por questões de gênero. Os dados coletados foram realizados em uma escola municipal de educação infantil na cidade de Rondonópolis, no estado do Mato Grosso, tendo como sujeitos de pesquisa uma educadora efetiva da rede e 20 crianças, com idade entre 5 a 6 anos. A pesquisa teve por base teórica os estudos culturais e como instrumento de coleta de dados utilizou a observação participante e a etnografia para investigar como as feminilidades e masculinidades são produzidas nas escolas de educação infantil.

O trabalho de Gislene Cabral de Souza, constatou que “os discursos presentes em sala de aula são pautados em relações binárias, que demarcam os tempos, os espaços e objetos que pertencem a meninos e meninas” (SOUZA, 2015, p.70). Concluiu, também, formas de resistências por parte das crianças ao que lhes é imposto, demonstrando que sempre há outras formas ou modos de ser e de agir com relação ao gênero.

Na educação infantil, a maior parte do tempo as crianças convivem com outras crianças e com os/as professores/as. São estas relações que fazem com que elas aprendam questões que envolvem o cuidado do corpo, o movimento, a linguagem e as primeiras expressões cognitivas, afetivas e emocionais. Portanto,

não resta dúvida que o mundo está ordenado sob a distinção de gênero masculino e feminino. Todas as nossas ações estão demarcadas pela distinção de gênero, demarcação esta atribuída por significados estruturados em relação a nossa realidade cultural. Portanto, pode-se atribuir gênero as coisas, objetos, formas e atitudes, por exemplo (AMARAL, 2001, p. 22).

Neste sentido, as pesquisas recolhidas concluem também que a escola reproduz práticas sexistas presentes na sociedade em geral e que a instituição escolar pode trabalhar a favor ou não da permanência de discriminações e preconceitos referentes à identidade de gênero.

## Considerações finais

De modo geral, as produções analisadas são de grande relevância para a produção acadêmica, com uso crítico e analítico da categoria gênero, dos/as autores da área dos estudos de gênero, culturais e feministas. As pesquisas analisadas são promissoras e questionam as brincadeiras separadas por sexo, práticas educativas de professoras e o fato da educação infantil ainda ser um espaço profissional feminino.

A concentração de produção de pesquisas sobre a temática gênero e educação infantil ainda se encontram restritas aos eixos Sul e Sudeste do país com baixas produções nas regiões Norte,



Nordeste e Centro-Oeste. Outro ponto observável é que mesmo que a temática seja parecida nas pesquisas, elas se mostram bem diversificadas variando entre relatos de experiências, pesquisas in lócus em escolas de educação infantil até o uso da etnografia.

Destaca-se que a localização temporal e geográfica das produções investigativas recolhidas são fontes de importantes informações, na medida que não são trabalhos uniformes ou unilaterais. Estas pesquisas nos ajudam a pensar ações e a questionar as produções de naturalizações ainda existentes no espaço da educação infantil. Outro ponto destacável é que as pesquisas envolvendo gênero e sexualidade no Brasil ainda são concebidas como produções de pouco valor quando se trata de se fazer ciência e do saber científico hierarquizado. *Uma compreensão acadêmica de que os estudos de gênero são vistos como “inferiores”, de pouca profundidade e de insignificante contribuição para a ciência de modo geral.*

O levantamento destas produções na forma de revisão sistemática permitiu a construção de uma visão ampla sobre o que se tem produzido envolvendo a temática de gênero e educação infantil a nível de mestrado no país. São produções de boa qualidade, de forte embasamento teórico e metodológico. Trabalhos que problematizam questões diversificadas e abordam de forma reflexiva rotinas vivenciadas pelas crianças, o processo de formação inicial e continuada dos/as professores/as, as práticas educativas e a presença/ausência de professores na educação infantil.

A análise destes trabalhos também permite que se construa novas vertentes e discussões sobre outras possibilidades investigativas e de intervenção na realidade da educação infantil. Estas pesquisas colocam em evidência um objeto ainda pouco explorado no meio acadêmico; destacam elementos de reflexão e discussão sobre currículo, prática educativa, formação inicial e continuada de professores/as etc. Portanto, estes trabalhos apresentam um caráter político ao utilizar as categorias gênero e educação infantil como forma de desvelar as relações de gênero existentes nas relações criança-criança e criança-professora.

Um dado preocupante é que as pesquisas concluem que a escola ainda reproduz estereótipos, representações e discursos preconceituosos. Por outro lado, estes mesmos trabalhos investigativos ajudam a problematizar situações rotineiras no cotidiano das escolas de educação infantil e, que muitas vezes passam despercebidas pelos sujeitos envolvidos na educação das crianças.

## Referências

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Pequena Infância, Educação e Gênero**: subsídios para um estado da arte. Cadernos Pagu, Campinas, SP, s/v, nº 26, p. 279-287, junho de 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30394.pdf>> Acesso em: 08 set. 2017.

BERTUOL, Bruna. **Coisas de menino ou de menina?** Pedagogia de gênero nas escolas de educação infantil. 2013. 159 f. Dissertação (mestrado) – Centro Universitário Le Salle (Campus de Canoas), 2013. Disponível em: <[https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs\\_online/tcc/mestrado/educacao/2013/bbertuol.pdf](https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2013/bbertuol.pdf)> Acesso em: 03 mar. 2016.

AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Famílias às avessas**: gênero nas relações familiares de adolescentes. Fortaleza: EUFC, 2001.

PIMENTA, Daniella Duarte. O desenho de meninas e meninos na educação infantil: um estudo sobre relações de gênero na infância.

SAYÃO, Déborah Thomé. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. In **Revista Pensar a prática**. v. 5, p. 1-14, jun/jul. 2001-2002. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/fef/article/download/43/39>> Acesso em 12 set 2017.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065\\_926\\_hARAWAY.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf)>. Acesso em 08 dez. 2016.

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil**: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero. 2013. 242 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107136/321534.pdf?sequence=1>> Acesso em 15 out. 2016.

RUIS, Fernanda Ferrari. **Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil**: um entrelaçamento de vozes. 2015. 224 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/134114>> Acesso em: 15 set. 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação sexual na escola**. In Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 53, p. 11-19, maio 1985. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1372>> Acesso em 12 jul. 2017.

SOUZA, Gislene Cabral. **Educação infantil e relações de gênero**: o que se inscreve nos corpos infantis. 2015. 84 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso. 2015. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ppgedu/arquivos/78be92f7db8a8c42c64b650364dc084c.pdf>> Acesso em: 14 dez. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul./dez, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>> Acesso em 20 ago. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOBBI, Márcia Aparecida. **Lápis vermelho é de mulherzinha**: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. In Proposições, vol 10, n. 1, (28) março, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644106/11544>> Acesso em: 29 jun de 2017.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor!** A docência masculina na educação infantil. 2014. 222 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 2014. Disponível em: <[http://reposit.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319170/1/Silva\\_PetersonRigatoda\\_M.pdf](http://reposit.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319170/1/Silva_PetersonRigatoda_M.pdf)> Acesso em: 22 set. 2016.

LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender**: essays on theory, film and fiction. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

Recebido em 9 de novembro de 2017.

Aceito em 11 de dezembro de 2017.